

**MATHEUS PELETEIRO**

# **PAZ**

**E A  
TERRA DOS VIVOS**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**MATHEUS PELETEIRO**

**DAEL**   
\* E A \*  
**TERRA DOS VIVOS**

OU  
TRO Planeta



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Matheus Peleteiro, 2024  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024

*Preparação:* Fernanda França  
*Revisão:* Bárbara Prince e Tamiris Sene  
*Projeto gráfico e diagramação:* Márcia Matos  
*Imagens de miolo:* Freepik  
*Capa e ilustração:* Rafael Nobre

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Peleteiro, Matheus  
Gael e a Terra dos Vivos / Matheus Peleteiro. – São Paulo: Planeta do  
Brasil, 2024.  
208 p.

ISBN 978-85-422-2739-0

1. Literatura infantojuvenil I. Título

24-2219

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação  
01415-002 – São Paulo-SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

**N**em todas as crianças são felizes, é verdade, mas todas elas sonham, e, graças a esses sonhos, é impossível que sejam completamente tristes. Às vezes, choram por quererem um pirulito, um brinquedo novo ou um picolé. Porém, sempre se esquecem, em poucos minutos, da insatisfação de não ganharem o que pediram.

Pelo menos foi assim que aprendeu Gael, que, mesmo tendo de lidar com o desaparecimento do pai logo após ter nascido, e, em seguida, com o infarto fulminante da mãe no dia do seu aniversário de nove anos, se apoiou na facilidade de esquecer e vestiu a verdade com o encanto próprio da infância. Mesmo que as dores que tivesse de enfrentar fossem muito maiores do que as de seus colegas. Mesmo que a perda da mãe o fizesse ser encaminhado em direção a uma instituição responsável pelo acolhimento de garotos órfãos ou abandonados na cidade de Salvador.

— Lá existem muitos outros jovens da sua idade. Caso se comporte direitinho, vai adorar brincar com

um bocado de meninos como você! — foi tudo o que disse dona Cacilda, funcionária encarregada de levá-lo embora do seu lar, na tentativa de um conforto. Ninguém lhe perguntou como se sentia, o que esperava do dia seguinte, ou fez perguntas afetuosas a respeito do vínculo que constituíra com a mãe.

O garoto estava apreensivo com a ideia de viver em um lugar onde tantos meninos sem pais também viviam. Temia que praticassem perversidades contra ele, que não fossem legais e divertidos, e que lá não tivesse ninguém para lhe contar histórias antes de dormir, assim como sua mãe fazia. Isso só piorou após escutar, de outras crianças que também estavam sendo encaminhadas ao mesmo local, que lá era um lugar terrível, onde maltratavam meninos e os transformavam em comida de velhos.

Ao observar a apreensão que se desenhou em seu rosto, dona Cacilda, carinhosamente, tentou acalmá-lo:

— Pode ficar tranquilo, Gael. Logo você vai se tornar um homenzinho! Espere e verá!

Nada poderia tê-lo feito chorar mais do que tal constatação. Quando pensava em homens, lembrava-se da sua mãe conversando com as amigas, contando que, depois de ter sido abandonada, nunca mais confiaria em homem nenhum, e que homens,

quando crescem, se tornam péssimas pessoas. Desde então, cultivara a convicção de que jamais se tornaria um deles.

Sua mãe fora uma moça encantadora, dona de charmosos cachos e de um coração tão vasto quanto o universo. Todas as noites, lia para ele capítulos de livros como *Pinóquio*, *Peter Pan*, *Alice no País das Maravilhas*, *David Copperfield* e vários outros clássicos, até que adormecesse. Era tão singular que estava sempre emitindo sorrisos zombeteiros e ensinando ao filho tudo diferente do que as outras mães ensinavam.

“Você não é um escravo de Deus, não escute o que dizem nas ruas sobre Ele, na maioria das vezes é tudo mentira”, “o amor existe entre pessoas, não importa se são meninos e meninas, meninos e meninos ou meninas e meninas”, “os maltrapilhos e os dependentes químicos precisam de carinho e atenção, não de distanciamento. Seja bom com eles, dê bom-dia, peça licença e diga, sempre, que a vida pode ser bonita”. Seu coração doce e cheio de empatia era como aquelas caixinhas onde bailarinas dançavam quando alguém dava corda: encantava a todos ao redor. Embora não tivesse familiares próximos ou um indivíduo disposto a lhe dar suporte, tinha a admiração de todos que se relacionavam com ela, independentemente

do tempo que passassem juntos. Um “obrigado” na fila do supermercado era suficiente para que afirmassem que era uma pessoa simpaticíssima.

Gael não sabia como seguir sem sua companhia. Não sabia se seria capaz de se tornar um bom sujeito sem que ela lhe mostrasse os caminhos certos – se é que eles existiam. Sua mãe sempre dizia que as pessoas não são boas umas com as outras e servia de filtro nas situações em que tinha dúvidas, assumindo o papel de juíza quando queria saber de que maneira deveria agir ou se comportar.

Sentado na poltrona de trás, ele ouviu dona Cacilda, uma senhora negra, sorridente e incisiva, conversar sem parar com o motorista. Por conta do seu jeito desinibido, ousado e sem rodeios de falar sobre coisas sérias, ela lhe pareceu uma pessoa formidável, ainda que as suas ideias parecessem não concordar com o que lhe fora ensinado. Estava no carro havia pouco mais de dez minutos e já a tinha escutado proferir um bocado de preconceitos antigos, daqueles que sua mãe afirmava precisarem ser encarados no futuro por garotos como ele. Ao vê-lo em prantos, por exemplo, tentou fazê-lo parar de chorar dizendo que ele já era um homenzinho para estar chorando, como se homens não pudessem sofrer ou expor a sua tristeza. A fala dela foi suficiente para que o menino parasse

de evitar que um oceano despejasse dos seus olhos e se lembrasse, num tom nostálgico, de sua mãe, que o ensinava a jamais sentir vergonha de chorar. De sua mãe lhe fazendo cafuné e afirmando que é de vital importância lamentar e, mais ainda, se levantar e ser forte, pois a vida exige que sejamos implacáveis.

Mas sua mãe não estava mais por perto, justo quando enfrentava o momento mais difícil da sua vida. Subitamente, Gael sentiu uma palpitação estranha. Seu peito se apertando de um jeito esquisito, a sensação de que estava sozinho e ninguém surgiria para salvá-lo. Então, aflito e impelido por uma valentia interior, ele percebeu as portas do carro – que mais parecia um camburão – sendo abertas e fugiu no segundo em que enxergou o primeiro raio de luz. Correu desesperadamente por toda a cidade, como se pudesse reaver sua mãe se alcançasse determinada velocidade, e viu o motorista pesado e mal-encarado desistindo de alcançá-lo por ser lento demais.

Chovia. Amedrontado, Gael se encolheu debaixo de um viaduto e dormiu. Durante a noite, escutou pássaros cantando divinamente. Pareciam bem-te-vis, mas não era muito tarde para estarem cantando? Sem querer abrir os olhos, começou a alimentar paranoias e a achar que corvos e urubus estavam esperando para jantá-lo. Após se revirar, sentiu que o mundo



estava desmoronando e, então, considerou que talvez tivesse se deitado em cima de um bueiro.

Na tentativa de amortecer o tombo, rolou o corpo como se quisesse voltar para o lado que estava ou se apoiar em alguma coisa, porém, já era tarde, e a queda foi tão longa que teve tempo de refletir: *É sempre tarde demais, seja para dizer à minha mãe que a amo mais que tudo, ou para me dar conta de que me deitei em um bueiro.* Em seguida, deixando-se cair sem nem sequer imaginar como voltar à superfície, pensou no bueiro como uma forma de impedir que o encontrassem e se resignou com a situação.

A queda parecia seguir uniforme, prolongando-se, de modo que, quando menos esperava, Gael se viu girando em círculos. Primeiro, tentou olhar para baixo e descobrir o que o aguardava, mas, sem conseguir ver nada, sentiu-se tonto e temeu um desmaio. A seguir, viu que estava caindo em um túnel escuro e em linha reta, igualzinho à Alice da história que sua mãe sempre contava. Ainda sonolento, começou a se questionar mentalmente: *Será que estou com tanto sono que estou tendo alucinações?* Mal formulou esse pensamento e notou uma claridade em suas pálpebras.

Ao abrir os olhos e acordar, tomou um susto. Acreditando que o dia havia apenas amanhecido,

deparou-se com um Palhaço-Preguiça bem grande, quase do tamanho de sua mãe. O bicho possuía uma aparência única e descontraída. Uma indumentária multicolorida, um corpo peludo que contrastava com o vermelho vibrante de seu nariz de palhaço, uma expressão de curiosidade. E, ao ver o menino desnordeado e cheio de lágrimas nos olhos, questionou:

— Por que chora, humano?

Pensando nos desenhos que já tinha assistido, Gael percebeu uma enxurrada de dúvidas surgindo em sua cabeça. Até então, nunca tinha visto um bicho-preguiça falante, nem um Palhaço-Preguiça falante, mas também nunca tinha visto um bicho-preguiça não falante. Por isso, questionou se havia algo muito extraordinário naquilo, ou se era algo comum. Os zoológicos da sua cidade tinham sido fechados por praticarem maus-tratos a animais, e, como nunca tinha viajado, todos os bichos que conhecia eram animais urbanos: gatos, cachorros, hamsters, papagaios, pássaros em geral e alguns invasores que surgiam de tempos em tempos na cidade, como cobras e jacarés.

— Minha mãe foi embora e me deixou. — Mas antes que o bicho-preguiça pudesse responder, o garoto continuou, tendo sua frustração distraída pela curiosidade. — Você é de verdade?

— Ora, mas todos vão embora um dia... “De verdade”? O que isso quer dizer? — retrucou o bicho-preguiça, lançando um novo questionamento. Gael ficou abismado ao perceber que o bicho-preguiça não só falava, como também tinha o poder de argumentação. Afinal, poucas horas antes, poderia jurar que aquela era uma habilidade que só os humanos possuíam. Ocorreu-lhe, então, que aquele era, sim, um acontecimento extraordinário, ainda que há alguns minutos pudesse ter lhe parecido um evento natural, e ficou eufórico diante da descoberta. Nunca havia sido questionado por um animal, fosse um bicho-preguiça, um gavião ou um leão. No entanto, considerando que era exatamente o que acontecia, decidiu acreditar que simplesmente existiam preguiças que falavam e argumentavam. Entregue à sorte, levantou e respondeu:

— Que você não é de mentirinha, oras!

O menino escutou uma voz ressoando no ar. “Que garoto mais estranho”, ela dizia. Entretanto, não conseguiu identificar de onde vinha o som.

— E é preciso ser de verdade? Aqui, a gente nunca sabe o que é verdade e o que é mentira — respondeu o bicho-preguiça.

Gael estranhou.

— Que coisa mais esquisita. E vocês não tentam saber?

— Não — retrucou o Palhaço-Preguiça, depois de pensar um pouco.

— Por que não?

“Pobre garoto, foi induzido a cultivar costumes muito estranhos”, escutou. Percebeu que a voz era idêntica à do palhaço que acabara de conhecer, embora a boca dele tivesse permanecido fechada.

— Na verdade, nunca pensei nisso. Acho que nenhum outro bicho já se fez essa pergunta. De qualquer modo, estou certo de que não faz a menor diferença — respondeu ele.

*Que esquisito. Outros bichos falam? Será que estou sonhando?*, perguntou-se Gael.

— Você se preocupa em saber se algo é de verdade ou de mentira e ainda tem a audácia de nos chamar de esquisitos?

Ainda confuso, o menino ficou desconcertado, e nem se deu conta de que não havia falado aquilo em voz alta.

— Lá onde moro, as coisas sempre foram assim. Todo mundo sempre quer saber o que é real e o que não é — explicou-se, tentando parecer menos deselegante. O que não adiantou muito, haja vista o olhar do bicho-preguiça ter permanecido carregado de julgamento.

— E você acredita que faz diferença saber essas coisas?

— Não sei. Para falar a verdade, eu também nunca pensei nisso. As coisas lá simplesmente são dessa maneira.

“Que bobagem”, escutou novamente.

— Preguiça, por acaso você está me chamando de bobo? — Nesse momento, Gael deu dois passos para trás e escutou um barulho suspeito. No instante seguinte, um mico-leão-dourado surgiu de maneira agoniada:

— Por que chora e fala tanto? Seu choramingar me inquieta. Poderia fazer o favor de parar? Mães morrem, é o ciclo da vida! — disse, antes de desaparecer, repentinamente, entre os galhos.

Conformando-se com o fato de que, onde estava, podia falar com animais, e já não dando mais a mínima se estava sonhando ou se tinha adquirido superpoderes para falar com micos, preguiças e afins, Gael respondeu com pesar e certo constrangimento:

— Me desculpe, macaco, é que... morrer não faz sentido! A minha mãe cuidava de mim, e não podia ter sido levada embora assim, sem nem me dar tchau. Eu a amava mais do que tudo! A morte, essa idiota, não sabe que não pode levar as pessoas que mais amamos? — Depois de falar, o garoto percebeu que havia parado de chorar e, imediatamente, voltou a soluçar, como uma criança interessada em atrair a atenção dos adultos, sem saber se está mesmo

sofrendo de tristeza, ou se apenas deseja se mostrar triste, à espera de consolo.

— Ora, a morte existe para encerrar a vida; já é sentido suficiente. E eu sou um mico, não um macaco. Sou Tupã, o príncipe Mico-Leão-Dourado. Posso peculiaridades, não me confunda — disse o mico, surgindo novamente e demonstrando impaciência.

— Uau! Eu nunca conheci um príncipe — espantou-se o garoto.

Um rugido ecoou pelo local e Gael e todos os presentes se arrepiaram dos pés à cabeça.

— Mas, por outro lado, o sentido da vida... — manifestou-se, pela primeira vez, uma onça que, se utilizando da sutileza própria de sua espécie, espreitava a discussão atrás de uma moita, meditando se os atacaria ou entraria na discussão pacificamente.

— Vejam só, é Pintada! A Onça-Espirituosa! — sussurrou o Palhaço-Preguiça.

— O sentido da vida? O que se deve saber sobre a vida? — questionou o menino, curioso.

— Essa é a verdadeira pergunta! — respondeu ela, encarando-o e sorrindo espiritualmente.

“Que Deus me dê paciência”, escutaram. Dessa vez, com a voz de Tupã. Gael encarou o Palhaço-Preguiça e ficou assombrado ao ser encarado de volta.

— Tem medo de preguiças? — perguntou ele.

— Tenho medo de palhaços.

O palhaço gargalhou.

— Isso é engraçado! Pelo que eu sei, os homens têm medo de onças e serpentes, não de preguiças ou palhaços — pontuou Tupã, sorrindo pela primeira vez.

— Eu não sou um homem, sou um menino! — retrucou Gael, enfurecendo-se por estarem rindo dele.

— Ora, não se assuste, isso é completamente normal! Na Terra dos Homens, que é o lugar de onde você deve ter vindo, os que sorriem são tidos como insanos. Aqui, somos todos sãos. Quer dizer, os tidos como insanos lá são tidos como sãos aqui. Você pode estar com a impressão de que fazemos parte de uma terra de paradoxos. Bem, talvez seja, mas, acredite, esta é uma terra sobretudo de lucidez — esclareceu o bicho-preguiça, escolhendo as palavras com cautela.

— E em que terra estou?

— Na Terra dos Vivos, ora! A ilha onde todos não apenas existem e sobrevivem, mas vivem, de fato! — disse a onça, com satisfação. Era evidente que se orgulhava do seu lugar.

“Que filhote de humano mais tonto, não sabe nem onde está”, disse uma voz, que se parecia com a do mico.

— Não seja tolo, macaco. Os que não sabem onde estão sempre percorrem os melhores caminhos — pontuou Pintada.

— Tolo? O que importa não é o caminho, mas o percurso — retrucou Tupã.

*Se você não sabe para onde ir, qualquer caminho serve*, pensou Gael, se lembrando da frase do Gato de Cheshire, um de seus personagens favoritos.

— Por que você se chama Pintada? Você é uma obra de arte? — perguntou o menino, de supetão.

— Respire fundo — respondeu ela.

O garoto respirou fundo e fechou os olhos.

— Agora, apalpe o ar.

Obedecendo, Gael tentou apalpá-lo.

— Percebe? Somos todos obras de arte. Eu me chamo Pintada porque o universo me fez assim.

Gael tinha escutado histórias terríveis a respeito de animais selvagens que devoravam crianças e cometiam atrocidades desagradáveis, no entanto, em comparação ao medo que tinha dos adultos que cuidariam dele, desvirtuariam sua bondade, aniquilariam seus valores e, em algum momento, afirmariam que a história do Mágico de Oz é somente uma fábula infantil e boba e o obrigariam a parar de sonhar, aqueles bichos pareciam constituir um lar muito mais aconchegante.